

Um Grito de Alerta de Dentro do Coração da Hutukara: Memórias do Garimpo na Literatura Yanomami

Alessandra Tereza Mansur Silva¹, Roberta Barros Meira², João Carlos Ferreira de Melo Júnior³

RESUMO

Em novembro de 2021, a Hutukara Associação Yanomami (HAY), que atua na defesa dos povos indígenas, apresentou uma carta à imprensa para denunciar a inoperância do Estado brasileiro com relação à invasão do garimpo e ao descaso com a saúde e a vida do povo Yanomami. A carta foi apresentada por Dario Kopenawa Yanomami, filho de Davi Kopenawa Yanomami. Davi é presidente da HAY e protagonista de *A queda do céu*, um marco na literatura indígena contemporânea e um manifesto em defesa da vida e da floresta. Os resultados do entrecruzamento dos dados demonstraram que em 2021 o território Yanomami, demarcado e homologado desde 1992, se encontra rasgado brutalmente pelo garimpo – a população de 27 mil Yanomamis divide seu território com 20 mil garimpeiros ilegais. Os rios da região estão contaminados pelo mercúrio, o que compromete a segurança alimentar de toda a comunidade. Este artigo propõe-se a refletir pelo olhar da história ambiental e da história indígena sobre as ideias de Davi Kopenawa, entrelaçando a análise do texto literário com os dados apresentados pelo Instituto Socioambiental, com fotografias de Cláudia Andujar e imagens da revista da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia no período da ditadura.

Palavras-chave: literatura indígena yanomami; garimpo; patrimônio ambiental.

¹ Doutorado em Patrimônio Cultural e Sociedade (Universidade da Região de Joinville-UNIVILLE). ORCID: 0000-0002-9274-8723. E-mail: alessandramansur11@gmail.com

² Doutorado em História Econômica (Universidade de São Paulo-USP). Professor do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade e do Departamento de História da Universidade da Região de Joinville-Univille. ORCID: 0000-0001-7739-216X. E-mail: rbmeira@gmail.com

³ Doutorado em Ecologia e Conservação (Universidade Federal do Paraná-UFPR). Professor titular das disciplinas de Botânica Estrutural e Inventário de Flora e do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville. ORCID: 0000-0002-6800-5508. E-mail: jcmelo_wood@hotmail.com

A relação entre destruição ambiental e o genocídio indígena vem sendo discutida por autores como Roberto Simonsen⁴ e John Monteiro⁵ como faces da mesma moeda desde o período colonial no Brasil. A busca pelos “nossos eldorados” – fossem eles agrícolas, fossem minerais – apoiou-se fortemente na exploração do ouro aluvional ou na agricultura extensiva, de fácil exploração e com investimentos mínimos, passando por cima dos homens pobres, das populações indígenas e dos africanos escravizados, ou, como aponta Sérgio Buarque de Holanda⁶, “sem retribuição de benefícios”. Para ele, esse processo ou “procissão dos milagres” continuaria a marcar a sua presença em todos os períodos da história do Brasil, atravessando a colônia, o império e a república, no entanto a exploração de bens naturais e agrícolas que propalava o discurso do alto índice de enriquecimento da população deixava para trás extensa zona de florestas devastadas e populações empobrecidas. Cabe observar, como pontua Roberto Simonsen⁷, que “não foi mesmo uma exploração, mas, antes, uma destruição”.

Alguns autores, como Donald Worster⁸, ressaltam a potencialidade da história ambiental no fortalecimento de uma história mais inclusiva. Os estudos atualmente disponíveis permitem que algumas características fundamentais da história das populações indígenas – que pode ser encontrada em dados estudados há gerações – colaborem com os estudos sobre o clima, as plantas medicinais, a fauna, o fluxo de ocupação do território, seja pelas populações tradicionais, seja pelo impacto da exploração das sociedades capitalistas na natureza. As discussões apresentadas por Worster⁹ apontam para um debate que se fortalece e que ainda permanece em aberto entre a história ambiental e a história indígena. Para o autor, restam pontos pouco trabalhados sobre o domínio socioeconômico, marcados por relações de poder que impedem que as decisões que afetam o patrimônio ambiental sejam tomadas de forma igualitária, favorecendo “comportamentos ambientalmente destrutivos”¹⁰. Não é nossa

⁴ Roberto Cochrane Simonsen, *História econômica do Brasil (1500/1820)* (São Paulo: Nacional, 1997).

⁵ John Monteiro, *Negros da terra* (São Paulo: Companhia das Letras, 1994).

⁶ Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do paraíso* (São Paulo: Brasiliense, 2000), 403.

⁷ Simonsen, *História econômica do Brasil (1500/1820)*, 59.

⁸ Donald Worster, “Para fazer história ambiental”, *Estudos Históricos* 4,8 (1991), 198-215.

⁹ *Ibid.*, 200.

¹⁰ *Ibid.*, 200.

intenção realizar uma revisão da bibliografia em torno do tema, mas pensar algumas questões com base nas fontes primárias produzidas pelas próprias populações indígenas, entendendo que essas narrativas podem descortinar um novo cenário para a história ambiental.

Não resta dúvida que a história indígena possibilita explorar um “rico filão praticamente inexplorado” pela historiografia¹¹, em função da cultura que esses povos carregam consigo. Resta, igualmente, aprofundar as análises sobre as relações que os povos indígenas estabelecem com a natureza e a criação de modos de vida mais harmônicos com os paisagens ambientais. Como se sabe, os registros sobre as populações indígenas indicam o desenvolvimento de conhecimento efetivo sobre o manejo sustentável das áreas florestais¹². Ou, pelo contrário, explicar como os ritmos de degradação ambiental atingiram marcos cada vez mais elevados desde a chegada dos europeus na América. Ailton Krenak levanta uma hipótese interessante ao considerar que o Antropoceno começa a partir da expansão marítima europeia¹³. Mesmo que a “grande aceleração” tenha se imposto de forma mais visível na segunda metade do século XX¹⁴, a conquista da América foi marcada por uma visão utilitarista na natureza, que colocou em marcha a destruição dos diferentes biomas do território brasileiro e o genocídio indígena. O que aventamos aqui é a importância de usar os próprios escritos indígenas para pensar o antropoceno e modos de vida mais sustentáveis fora dos padrões capitalistas hegemônicos. A história indígena representa novos olhares para o passado, ao mesmo tempo que abre possibilidades de um futuro que considere os seres humanos como pertencentes à natureza, ou seja, coloca no mesmo patamar hierárquico e com os mesmos direitos à existência os seres humanos e mais-que-humanos.

A obra *A queda do céu*¹⁵, de Davi Kopenawa Yanomami¹⁶ e Bruce Albert¹⁷, é um divisor de águas, porque inverte e renova o discurso antropológico sobre os povos

¹¹ John Monteiro, *Negros da terra*.

¹² Manuela Carneiro Cunha, *Cultura com aspas* (São Paulo: Ubu Editora, 2017).

¹³ Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2019).

¹⁴ José Augusto Pádua, *Localizando a história do antropoceno: o caso do Brasil* (Rio de Janeiro: Machado, 2022)

¹⁵ Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015).

¹⁶ Xamã, importante liderança indígena, defende com o movimento indígena e indigenista desde a década de 1970 a demarcação das terras indígenas Yanomami em Roraima e luta por ela.

indígenas e redefine caminhos, indicando outras possibilidades filosóficas, ontológicas, políticas e religiosas. A obra descreve a trajetória de vida de Davi e seu contato com o mundo dos brancos e também a estratégia utilizada por ele de aprender a língua portuguesa para atuar como interlocutor entre os indígenas Yanomami e os não indígenas, bem como sua trajetória de aprendizado desde a infância até a vida adulta para se transformar em um xamã. Compartilha com os leitores a sua raiva e indignação todas as vezes que se encontra frente a frente com a monstruosa face da “civilização”. Com uma visão cosmopolítica¹⁸, termo cunhado por Isabelle Stengers¹⁹, que defende que fazer ciência é construir mundos, *A queda do céu* denuncia o garimpo em território Yanomami, abarcando também toda a ontologia Yanomami.

A narrativa presente no livro desloca o leitor para outras paisagens, outros saberes, outras medicinas, ou seja, mundos pensados pelos agentes humanos e mais-que-humanos²⁰ não como polos de oposição antagônicos nem pelo viés utilitarista da natureza²¹. O livro aproxima-se das ideias de sociedade de risco²² e diz que os “brancos”, mesmo de olhos abertos, não conseguem enxergar. Política para os Yanomami é outra coisa! Política para os Yanomami é cuidar da Hutukara, da Terra-Floresta, porque ela os alimenta e dá a vida - porque sem ela não há vida nem política. Explica-nos Davi Kopenawa Yanomami: “O pensamento Yanomami é diferente, não podemos destruir. Destruir e ameaçar a terra para nós não é bom. Nós temos que respeitar porque a Hutukara é igual a nós, ela está viva”²³. Nesse sentido, Davi Kopenawa chama a atenção para a política de destruição que vem sendo empreendida pelo Estado brasileiro e questiona: “O que esse homem está fazendo? Será que ele não tem pensamento? Será que ele não pensa nos outros? Será que ele não pensa no

¹⁷ Antropólogo francês nascido no Marrocos, participou em 1978 da fundação da organização não governamental Comissão Pró-Yanomami e conduziu com Davi Yanomami, Cláudia Andujar e outros indigenistas a campanha para obtenção da demarcação e homologação da terra indígena Yanomami.

¹⁸ Segundo o antropólogo Renato Sztutman (2018), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, a ideia de cosmopolítica é algo que está promovendo uma junção dos ditos antropólogos da ciência e dos antropólogos que trabalham com povos indígenas.

¹⁹ Isabelle Stengers, *Cosmopolítica I e II* (Paris: La Découverte, 1997).

²⁰ Termo cunhado por Eliane Brum em seu livro *Banheiro Okotó uma viagem à Amazônia centro do mundo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2021).

²¹ José Augusto Pádua, *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004).

²² Ulrich Beck, *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade* (São Paulo: 34, 2011).

²³ *apud* Ana M. Gomes e Davi Kopenawa, “o cosmo segundo os Yanomami: Hutukara e Urihi,” *Revista UFMG* 22, 1-2 (jan./dez. 2015): 142-159, 147.

futuro? Ele não pensa em outra geração, no futuro adiante?”²⁴. “A Hutukara é um grande homem, é uma grande pátria, um grande governo”²⁵.

Dessa forma, é principalmente através das memórias descritas no livro que entendemos como a destruição do patrimônio ambiental caminha de mãos dadas com o genocídio indígena na história do território brasileiro. Ao ser o primeiro depoimento interno dos yanomami desde 1965, a construção da história se faz pela voz de um xamã, subvertendo a ordem tradicional da história e da etnografia de pesquisar os povos indígenas pelos olhos do homem branco. Como diz Davi Kopenawa, “Gosto de explicar essas coisas para os brancos, para eles poderem saber”.²⁶ Nos seus relatos encontramos desde a história de um processo de destruição ambiental e expropriação das terras indígenas, até as suas relações com a natureza e as possíveis formas de nos apoiarmos nos saberes, nos modos de vida e nas suas tecnologias para “pensar mais adiante o futuro”. Quiçá, podemos dizer que “A queda do céu” se trata de um dos primeiros trabalhos de história ambiental feito pelos povos indígenas, ampliando o nosso conhecimento sobre as relações socioambientais que perpassam as diferentes sociedades.

Este artigo não tem a pretensão de abordar a cosmologia em profundidade - isso demandaria outro artigo diante da alta complexidade e beleza da cultura Yanomami-. Desta feita, as reflexões deste texto pretendem contribuir para a discussão sobre a questão do garimpo em território Yanomami com base nas memórias descritas por Davi Kopenawa. Nesse sentido, tece-se um diálogo com a obra *A queda do céu*, entrecruzando os dados qualitativos apresentados pelo Instituto Socioambiental (ISA), com fotografias de Cláudia Andujar e imagens que retratam a invasão predatória da Amazônia no período da ditadura militar (1964-1985). Imagens estas que foram publicizadas em revistas da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM)²⁷. As fontes utilizadas trazem dados importantes sobre a situação do território Yanomami perante as invasões do garimpo ilegal, de madeireiros, de

²⁴ *Ibid.*, 147.

²⁵ *Ibid.*, 144.

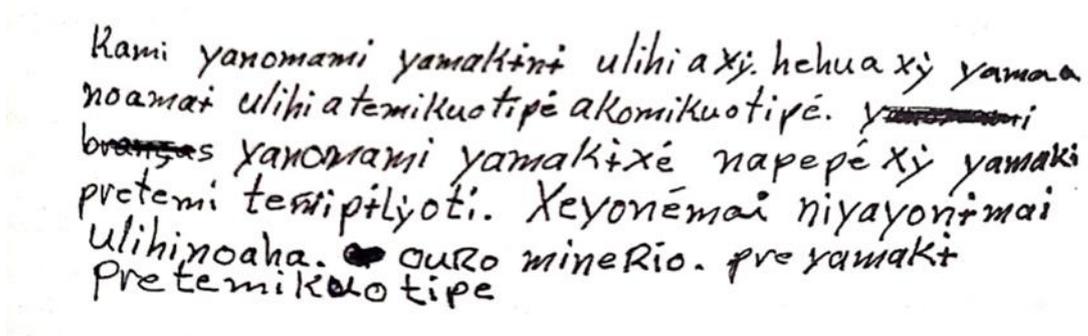
²⁶ Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, 63.

²⁷ As imagens das revistas da SUDAM foram encontradas em pesquisa realizada na revista *Quatro Cinco Um* (2020-21) e no livro *A luta Yanomami*, de Cláudia Andujar.

grileiros, de fazendeiros e da absoluta ausência do Estado na proteção dos povos indígenas no Brasil.

Nossa opção de análise buscou apoio na visão de Eduardo Viveiros de Castro²⁸ quando defende que o livro *A queda do céu* pode ser pensado como um manifesto xamânico, um grito de alerta vindo de dentro do coração da floresta. Assim, considera-se a obra de Davi Kopenawa um manifesto em defesa da vida, da floresta, do coletivo e que tem como ponto de partida uma crítica ao capitalismo e ao povo da mercadoria, além de utilizar o xamanismo²⁹ como ferramenta de ação para enfrentar a crise ambiental. A Figura 1 mostra um texto na língua Yanomami em que Davi deixa clara a opção do povo Yanomami pela defesa da floresta, da saúde e da vida.

Figura 1. Texto em língua Yanomami que diz: “Nós, Yanomami, defendemos a terra-floresta e suas montanhas. Queremos que continue com saúde e inteira. Queremos também que Yanomami e brancos vivam sem brigar nem guerrear por causa da terra, do ouro, dos minérios. Queremos que todos possam permanecer vivos juntos por muito tempo”.



Kami yanomami yamakini ulihia xy. hehua xy yama
noamai ulihia temikuotipe akomikuotipe. yanomami
brancos yanomami yamakixé napepé xy yamaki
pretemi temipilyoti. Xeyonémai niyayonimai
ulihinoaha. ouro mineRio. pre yamak
pre temikuotipe

Fonte: Kopenawa e Albert³⁰.

A ETNOPOLÍTICA E O ESPÍRITO DO XAMANISMO³¹

Para a economia, *primeiro mundo* é um conceito que emergiu no período da Guerra Fria e se tornou conhecido como a teoria dos mundos. Ele abarca os países dito desenvolvidos, com base em uma sociedade capitalista cuja população possui alto

²⁸ Eduardo Viveiros de Castro, “Prefácio,” em: Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015).

²⁹ Práticas etnomédicas, religiosas e filosóficas que envolvem cura e transmutação entremundos.

³⁰ Kopenawa e Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, 537.

³¹ Título inspirado na obra de Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (São Paulo: Pioneira, 2001).

padrão de consumo. Já para o povo Yanomami³², primeiro mundo é a terra que existiu num tempo antes de nosso tempo. Segundo a cosmologia Yanomami, nesse primeiro mundo “havia apenas a gente que chamamos de yarori [...] ancestrais (në pata në) que compunham a primeira humanidade, que foi se transformando paulatinamente em caça, em razão do seu comportamento desregrado”³³.

No período da ditadura militar, defendendo a ideia de progresso, desenvolvimento e consumo, o Estado brasileiro foi avançando pela região amazônica, invadindo territórios indígenas, ribeirinhos e quilombolas, similarmente ao que Davi Kopenawa cita como “comportamento desregrado”³⁴. A ideia apresentada no livro se aproxima do conceito de “desenvolvimento insustentável”, discutido por Warren Dean³⁵ no livro *A ferro e fogo*, quando narra a devastação da mata atlântica por medidas tomadas pelo Estado alinhadas com interesses privados, o que vai “acumpliciando” avanços ferozes, insanos e descomedidos sobre o bioma mata atlântica.

O povo Yanomami sofreu os primeiros contatos com a *civilização* no período em que o bioma amazônico foi alvo do Projeto Radam, das construções de rodovias federais³⁶ e, por conseguinte, da invasão do garimpo³⁷. O Projeto Radam, criado pelo Ministério das Minas e Energia na época da Ditadura Militar, tinha como objetivo coletar dados a partir de radar sobre os recursos minerais da região amazônica. O Projeto despertou interesses extrativistas em diversos âmbitos das sociedades nacional e internacional ao revelar a riqueza dos minérios, especialmente metais preciosos -ouro-, conforme nos mostra a Figura 2. O território Yanomami, se localiza no extremo norte do país, -número 1 no mapa a seguir-, e como podemos observar, está repleto de metais preciosos.

³² “Os Yanomamis formam uma sociedade de caçadores-agricultores da floresta tropical do norte da Amazônia, cujo contato com a sociedade nacional é, na maior parte de seu território relativamente recente, por volta de 1940”, em: Kami Yamaki Urihipê, “Yanomami: localização e população,” Povos Indígenas no Brasil (2019). Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>. Acesso em: 9 abr. 2021.

³³ Kopenawa e Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, 43.

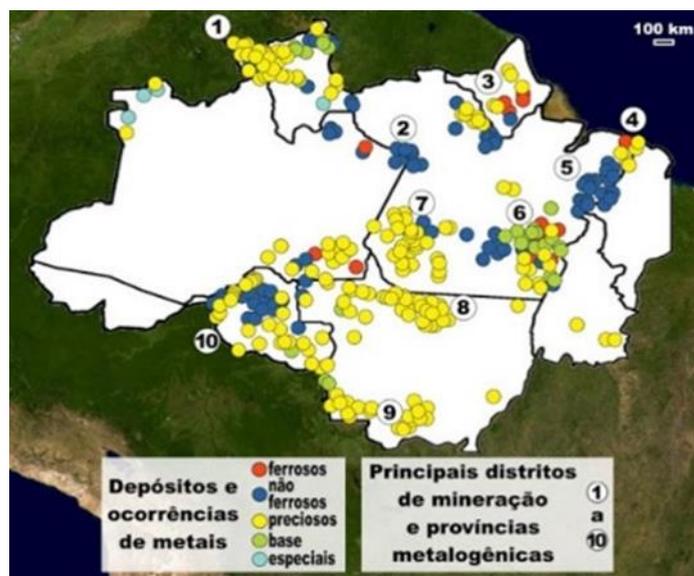
³⁴ *Ibid.*, 43.

³⁵ Warren Dean, *A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996).

³⁶ A rodovia Perimetral Norte também conhecida como BR 210 que ligaria o Amapá a Amazônia, teve sua construção iniciada em 1973-76 (projeto abandonado) “rasgou a terra Yanomami trazendo muitas doenças, epidemias, alcoolismo, prostituição, violências e rupturas na ontologia de comunidades indígenas na região. (ANDUJAR, 2019).

³⁷ Cláudia Andujar, *A luta Yanomami* (São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2019).

Figura 2. Mapeamento Minérios Amazônia.



Fonte: Patrícia Fachin³⁸.

Após o levantamento dos recursos minerais na região amazônica pelo Radam (1975), o “projeto fez tanto sucesso” que o governo estendeu o levantamento para todo o Brasil, o que ficou conhecido como Projeto Radam Brasil. Mediante a publicidade por parte do Estado desse “potencial mineral”, desencadeou-se um progressivo e violento movimento de invasão garimpeira em todo o país³⁹.

Por volta de 1987, ocorreu uma verdadeira corrida ao garimpo e cerca de 45 mil garimpeiros chegaram a Roraima e começaram a subir os rios Uraricoera⁴⁰ e Mucajaí, adentrando no território Yanomami para retirar o ouro de suas terras.

O ISA estima que 20% da população Yanomami, que era de nove mil pessoas em 1987, morreu em decorrência de epidemias, conforme imagem registrada por Cláudia Andujar (Figura 3)⁴¹. Além das doenças a que os Yanomami foram expostos, também ocorreram diversos conflitos com garimpeiros, grileiros, fazendeiros e com o

³⁸ Patrícia Fachin, “Discurso ‘pró-garimpo’ aumenta desmatamento, ameaça indígenas e internacionaliza floresta. Entrevista especial com Dário Bossi, Bruno Milanez e Luiz Jardim Wanderley,” *Combate Racismo Ambiental* (set. 2020). Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/09/08/discurso-pro-garimpo-aumenta-desmatamento-ameaca-indigenas-e-internacionaliza-floresta-entrevista-especial-com-dario-bossi-bruno-milanez-e-luiz-jardim-wanderley/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

³⁹ Piero Locatelli e Guilherme Henrique, “Ameaças em território Yanomami,” *Combate Racismo Ambiental* (jun. 2021). Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2021/06/27/r-200-mil-por-semana-quanto-fatura-um-piloto-de-aeronaves-no-garimpo/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

⁴⁰ Local de nascimento do herói Macunaíma, segundo as narrativas de Mario de Andrade. Em: Mario de Andrade, *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* (São Paulo: Lafonte, 2019).

⁴¹ Cláudia Andujar, *Jovem Yanomami Wakata u thëri vítima de Sarampo* (2019). Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/events/claudia-andujar-a-luta-yanomami/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

próprio Estado brasileiro, acarretando um trágico processo de desestruturação social⁴².

Figura 3. Yanomami Wakatha u thëri vítima de sarampo.



Fonte: Andujar⁴³.

Davi Yanomami lembra-se dos parentes com tristeza: “Desde a infância eu tinha visto serem devorados um a um pelas epidemias, e em todos os nossos que não tinham parado de morrer desde a abertura da estrada”⁴⁴. A crescente invasão do garimpo culminou, na década de 1990, num episódio de grande repercussão mundial, numa barbárie que Davi retrata em seu livro como “o massacre de Haximu”, ocorrido em julho de 1993: “Garimpeiros brasileiros invadiram uma aldeia Yanomami, na Comunidade de Haximu na Amazônia venezuelana e assassinaram a tiros e golpes de facão 16 indígenas, entre eles idosos (anciãos), mulheres, crianças e um bebê. [...] Foi o primeiro caso julgado pela Justiça brasileira no qual os réus foram condenados por genocídio”⁴⁵.

Conforme Davi, a operação de extermínio da comunidade Haximu foi apoiada, “se não encomendada, pelos quatro principais empresários de garimpo da região, todos bem conhecidos em Boa Vista”⁴⁶. Eduardo Viveiros de Castro⁴⁷, no prefácio do

⁴² Instituto Socioambiental, Cicatrizes na floresta: garimpo avançou 30% em terra Yanomami (mar. 2021). Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/cicatrizes-na-floresta-garimpo-avancou-30-na-terra-indigena-yanomami-em-2020>. Acesso em: 20 maio 2021.

⁴³ Andujar, Jovem Yanomami Wakata u thëri vítima de Sarampo.

⁴⁴ Kopenawa e Albert, A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami, 325.

⁴⁵ *Ibid.*, 571.

⁴⁶ *Ibid.*, 576.

⁴⁷ Castro, Prefácio, 30.

livro *A queda do céu*, compara o *modus operandi* do garimpo com o narcotráfico, em que os miseráveis, desesperados por dinheiro e comida, executam o *trabalho no front*, enquanto os poderosos empresários, que financiam o projeto de extermínio, se encontram a milhares de quilômetros de distância em suas confortáveis e blindadas mansões. A seguir, a descrição de como a *expedição* foi preparada para o projeto de extermínio dos Yanomami: “Voluntários são recrutados [...] e junta-se a munição – duzentos cartuchos de espingarda de caça e algumas caixas de balas de revólver. [...] Quinze garimpeiros, armados de espingardas de caça (calibres 12 e 20), de revólveres (calibre 38), terçados e facas, saem para pôr em execução seu projeto de extermínio”⁴⁸.

De acordo com os depoimentos dos sobreviventes do massacre⁴⁹, os garimpeiros aproximaram-se dos Yanomami que pretendiam exterminar, esconderam-se nas proximidades da comunidade Haximu e avistaram a seguinte cena:

Quase todos estão deitados em suas redes [...]. Crianças brincam entre os abrigos, mulheres racham lenha. A atmosfera é tranquila. No entanto, os garimpeiros já estão entrando na antiga roça e se põem de tocaia, enfileirados de um dos lados do acampamento. De repente, um deles abre fogo sobre os ocupantes. Os quinze homens começam então a atirar todos ao mesmo tempo sem interrupção, de espingarda e revólver, enquanto se aproxima de suas vítimas. [...] Duas das meninas e um dos jovens guerreiros são feridos por chumbo de caça, no rosto, no pescoço, nos braços e nos flancos. A menina de 10 anos é atingida por uma bala de revolver no crânio. Morrerá alguns dias depois. [...] Depois de longos minutos, os disparos cessam. Aí, os garimpeiros sem piedade, liquidam suas vítimas a golpes de terçado e facão. Massacram os feridos que não tinham conseguido fugir e várias crianças que não tinham sido atingidas. Doze Yanomami foram assim assassinados com selvageria: duas mulheres e um velho, uma moça de Hoomoxi de cerca de vinte anos que tinha vindo fazer uma visita, três adolescentes, duas meninas (de um e três anos) e três meninos entre seis e oito anos. Várias das crianças eram órfãs, cujos pais tinham morrido da malária trazida pelos garimpeiros. A moça de Hoomoxi foi atingida por um tiro de espingarda de caça a uns dez metros de distância, depois por um tiro de revólver a menos de dois metros. Uma das velhas, cega, foi liquidada a pontapés. Um bebê, deitado na rede, foi embrulhado num

⁴⁸ Kopenawa e Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, 576.

⁴⁹ Antropólogo que escreveu com Davi Yanomami o livro *A queda do céu* e que participou do inquérito de investigação na condição de intérprete e assessor antropológico da Polícia Federal e da Procuradoria-Geral da República. Ele nos conta que as fontes diretas do testemunho são relatos dos sobreviventes, interrogatórios dos garimpeiros e o relatório dos médicos-legistas. O original desse texto “foi publicado no Brasil no Jornal a Folha de S.Paulo de 3 de outubro de 1993, sob o título ‘Antropólogo revela os detalhes da chacina dos Índios Ianomâmis’ e na Venezuela, no Jornal El Nacional, de 10 e 11 de outubro de 1993”. Em: Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, 571.

pedaço de pano e atravessado por facadas. Conscientes de que só tinham massacrado parte do grupo e bem decididos a aterrorizar os sobreviventes, os garimpeiros mutilam ou esquartejam os corpos de suas vítimas [...]. Amontoam todos os objetos deixados pelos índios, incluindo quinze painéis de alumínio. Destroem tudo a tiros e golpes de terçado. Depois ateam fogo nas duas casas e voltam para os barracões do garimpo⁵⁰.

Davi explica que o entendimento que os brancos têm da guerra é completamente diferente da compreensão dos Yanomami e prossegue esclarecendo que o que os brancos “chamam de ‘guerra’ em sua língua é algo de que não gostamos [...]. Nós com certeza, não combatemos uns aos outros com a mesma dureza que eles. Eles combatem [...] com balas e bombas que queimam todas as casas que encontram. Matam até mulheres e crianças! [...]. Movem suas guerras [...] por terras que cobiçam ou das quais querem arrancar minérios e petróleo [...]. Brigam o tempo todo por ouro⁵¹”. Continua Davi⁵²:

Embora os brancos se achem espertos, seu pensamento fica cravado nas coisas ruins que querem possuir, e é por causa delas que roubam, insultam, combatem e por fim matam uns aos outros. É também por causa delas que maltratam tanto todos os que atrapalham sua ganância. É por isso que, no final, o povo realmente feroz são eles! Quando fazem guerra uns contra os outros, jogam bombas por toda a parte e não hesitam em incendiar a terra e o céu. Eu os vi, pela televisão, combatendo com seus aviões por petróleo. Diante daqueles fogarés. De onde saíam imensas colunas de fumaça preta, pensei, apreensivo, que elas poderiam um dia chegar até nossa floresta e que os xapiri⁵³ não conseguiriam dispersá-las. Mais tarde, revi muitas vezes essa mesma guerra no tempo do sonho. Isso me preocupou muito, pensava: “Hou! Esse povo é mesmo muito agressivo e perigoso! Se nos atacasse desse modo, iria nos reduzir a nada, e a fumaça de epidemias de suas bombas logo acabaria com os poucos sobreviventes’.

Durante suas viagens ao mundo dos brancos como liderança indígena, Davi escutou muitas vezes que os Yanomami são ferozes e passam o tempo flechando os outros, porém ele ressalta que quem diz essas coisas não sabe nada sobre o povo Yanomami e fala coisas equivocadas. Explica:

⁵⁰ Kopenawa e Albert, A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami, 579.

⁵¹ *Ibid.*, 442.

⁵² *Ibid.*, 442-443.

⁵³ Na cosmologia Yanomami, os xapiris são os espíritos da floresta.

Quando, às vezes, nossos antigos queriam flechar seus inimigos, as coisas eram muito diferentes. Procuravam atingir sobretudo os guerreiros que já tinham matado seus parentes e que por isso chamavam *õnokaerima t ã pã*⁵⁴. Tomados pela raiva do luto de seus mortos, eles conduziam ataques até conseguir se vingar desse modo. Esse é o nosso costume. Só buscamos vingança quando um dos nossos morre por flecha ou zarabatana de feitiçaria⁵⁵.

E continua:

Só guerreamos pelo valor das cabaças de cinza de nossos defuntos mortos por inimigos. Essas são as únicas palavras de guerra verdadeiras para nós. Somos outra gente. Só flechamos quando queremos resgatar o valor do sangue de um dos nossos; só quando queremos tornar recíproco o estado de homicida *õnokae* daqueles que mataram [...]. Então choramos o falecido com muita raiva. Seus próximos queimam suas pontas de flechas enquanto se lamentam com muita dor. Seus ossos também são queimados e suas cinzas são guardadas, para encher várias cabaças para *axi*. Os brancos não podem dizer que somos maus e ferozes apenas porque queremos vingar nossos mortos! Não matamos ninguém por mercadorias, por terra ou por petróleo, como eles fazem! Brigamos por seres humanos. Guerreamos pela dor que sentimos por nossos parentes recém-falecidos⁵⁶.

A Figura 4 mostra os sobreviventes do massacre de Haximu segurando urnas funerárias com as cinzas dos parentes mortos, para realização do ritual *reahu*⁵⁷. Esse ritual é muito importante para o povo Yanomami, faz parte de sua cosmologia.

Figura 4. Sobreviventes do massacre Haximu.



Fonte: Teratologia Criminal⁵⁸.

⁵⁴ As pessoas *õnokae* são os guerreiros que mataram e se submeteram ao rito de reclusão dos homicidas (*õnokaemuu*). Em: Davi Kopenawa e Bruce Albert, A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami, 672.

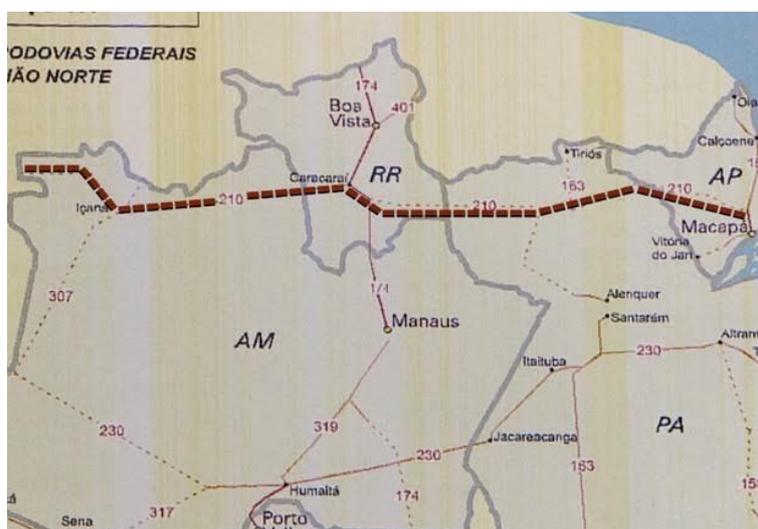
⁵⁵ Kopenawa e Albert, A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami, 440.

⁵⁶ *Ibid.*, 443-445.

⁵⁷ De acordo com as narrativas de Kopenawa, *reahu* é uma cerimônia funerária do povo Yanomami em que se partilha o alimento da caça com a comunidade, e onde ocorre a despedida das cinzas dos parentes. Trata-se de um ritual muito importante e imprescindível para o povo Yanomami, pois é o momento em que as cinzas dos mortos são misturadas com o mingau de banana. Ao ingerir esse alimento, o morto integra-se no corpo e na alma de seus parentes. “O alimento que alimenta a ancestralidade”. Em: Davi Kopenawa e Bruce Albert, A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami.

Como já citado, a corrida pela ganância do ouro em terra Yanomami no bioma amazônico está diretamente relacionada com o discurso de progresso e desenvolvimento, intensificado na época da ditadura-empresarial-militar. Nesse período o Estado brasileiro implantou, além do Projeto Radam, o Programa de Integração Nacional-PIN, e com isso, a floresta amazônica e a terra Yanomami foram *rasgadas* para a construção de rodovias como a Perimetral Norte (Figura 5). A floresta era vista pelo Estado como um impeditivo para o *desenvolvimento*⁵⁹.

Figura 5. Trajeto da Rodovia Perimetral Norte.



Fonte: Redação⁶⁰.

A floresta amazônica foi, assim, sendo cortada em diversos trechos (Figura 6), para a construção de estradas, com incentivo do Estado e desvios milionários de verbas públicas⁶¹.

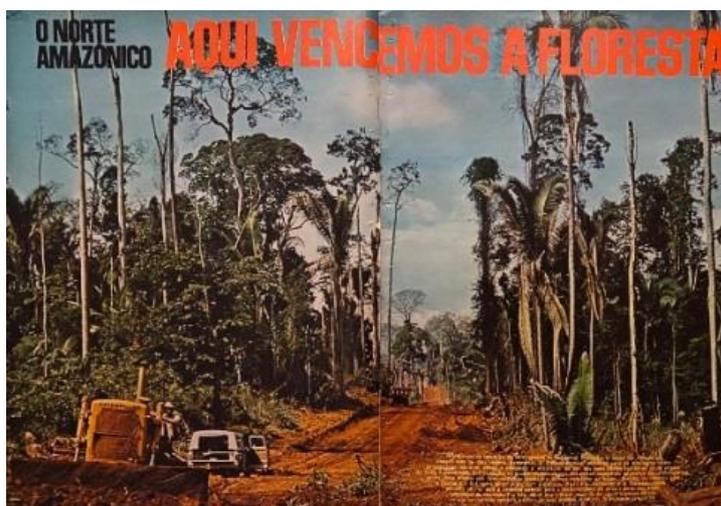
⁵⁸ Teratologia Criminal, "Sobreviventes do Massacre do Haximu," Teratologia Criminal (jun. 2013). Disponível em: <http://teratologiacriminal.blogspot.com/2013/06/massacre-de-haximu-roraima-1993-4-edicao.html>. Acesso em: 20 jan. 2020.

⁵⁹ Andujar, A luta Yanomami.

⁶⁰ Redação, "História da rodovia BR-210, no AP, foi destaque do Bom Dia Amazônia," Rede Amazônica (jul. 2016). Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/redeamazonica/amapa/noticia/2016/07/historia-da-rodovia-br-210-no-ap-foi-destaque-do-bom-dia-amazonia.html>. acesso em: 27 maio 2020.

⁶¹ Ricardo Cardim, "Arqueologia do desastre: há 50 anos, a ditadura promovia a invasão predatória da Amazônia, marcada por rodovias, projetos megalômanos e propaganda ufanista," Quatro Cinco Um 4, 37 (set. 2020).

Figura 6. Aqui vencemos a floresta



Fonte: Cardim⁶².

O Plano de Integração Nacional contou também com o interesse do setor privado, de construtoras como a Camargo Corrêa e a Odebrecht, que, ao cortar territórios, forçavam o deslocamento de comunidades, o recrutamento de mão de obra indígena, e ainda disponibilizavam para os indígenas armas de fogo, conforme nos mostra as Figuras 7A e 7B, registradas por Cláudia Andujar⁶³ durante o processo de abertura das estradas.

Figura 7. Yanomami nas estradas. (A) A mão de obra dos Yanomami para a construção de estradas na Amazônia. (B) Armas de fogo distribuídas para os Yanomami.



Fonte: Andujar⁶⁴.

⁶² Cardim, *Arqueologia do desastre: há 50 anos, a ditadura promovia a invasão predatória da Amazônia, marcada por rodovias, projetos megalômanos e propaganda ufanista*, 21.

⁶³ Andujar, *A luta Yanomami*.

⁶⁴ *Ibid.*, 210 e 2016.

Outro agravante foi a ampliação de pastagens para a criação de gado por empresas multinacionais (Figura 8), o que também foi amplamente defendido e disseminado pelo Estado na época, conforme imagens publicizadas pela Sudam.

Figura 8. Volkswagen produzido na Amazônia.



Fonte: Revista Veja⁶⁵.

O período que ficou conhecido como milagre econômico e que aparece nas campanhas publicitárias nas capas de revista da Sudam e do Banco da Amazônia (Figuras 9A, 9B e 9C) –época da ditadura-empresarial-militar–, circulavam ideias como: “Muitas pessoas estão sendo capazes, hoje, de tirar proveito das riquezas da Amazônia com o aplauso e o incentivo do Banco da Amazônia. O Brasil está investindo na Amazônia e oferecendo lucros para quem quiser participar desse empreendimento”. As capas estampavam as seguintes frases: “Para unir os brasileiros nós rasgamos o inferno verde”, “Pista para você encontrar a mina de o ouro” e, na sequência, “Chega de lendas, vamos faturar!”. (Sic!)

⁶⁵ Revista Veja de 31 de março de 1971, edição número 134, p. 50-51.

Figura 9. Publicidades na revista da Sudam: (A) “Para unir os brasileiros nós rasgamos o inferno verde”; (B) “Pista para você encontrar a mina de ouro”; (C) “Chega de lendas, vamos faturar!”.



Fonte: Publicidades na revista da Sudam: (A) “Para unir os brasileiros nós rasgamos o inferno verde”; (B) “Pista para você encontrar a mina de ouro”; (C) “Chega de lendas, vamos faturar!”.

Poderíamos trazer para a reflexão também a obra de Walter Benjamin sobre a crítica ao culto da mercadoria. Segundo Silva, “Benjamin não deixa muito claro em seu texto de que forma é possível realizar a aproximação de tais práticas econômicas a um culto, mas ele se utiliza da palavra adorador”⁶⁶. Nesse mesmo sentido, fazendo uma analogia com a palavra adorador, Kopenawa chama a atenção para essa questão quando aciona as memórias que tem do garimpo na terra indígena Yanomami (Figura 10), e nos diz: “Puseram-se a desejar o metal mais sólido [...] começaram a arrancar os minérios do solo com voracidade”⁶⁷. E continua Davi: “Construíram fábricas para cozê-los e fabricar mercadorias em grande quantidade. Então seu pensamento cravou-se nelas e eles se apaixonaram por esses objetos como se fossem belas mulheres e isso os fez esquecer a beleza da floresta”⁶⁸.

A Figura 10 retrata o garimpo no Rio Uraricoera, em terra Yanomami. Na imagem é possível observar as crateras, a poluição do rio e o desmatamento na região.

⁶⁶ Bruno A. S. Silva, “O capitalismo como religião e uma reflexão ética a partir de Agambem,” *Revista Peri* 10, 1 (2018), 219.

⁶⁷ Kopenawa e Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, 407.

⁶⁸ *Ibid.*, 407.

Figura 10. Garimpo no Rio Uraricoera, na terra indígena Yanomami.



Fonte: fotografia de Christian Braga⁶⁹.

No livro *A queda do céu*, Kopenawa descreve a raiva que sentia ao vivenciar toda aquela ganância dos garimpeiros: “[...] meu peito voltou a se encher de raiva e de angústia, ao vê-los devastar as nascentes dos rios com voracidade de cães famintos. Tudo isso para encontrar ouro, para outros brancos poderem fazer dentes e enfeites, ou só para esconder em suas casas. O pensamento desses brancos está obscurecido por seu desejo de ouro”⁷⁰. Os povos indígenas não estabelecem relação de apego aos bens materiais, a começar pelo próprio corpo, ao contrário dos ocidentais, para os quais a posse ou a propriedade ocupa um lugar de grande relevância.

Para ilustrar essa questão, trazemos o exemplo de dois povos indígenas, os Yanomami, de Roraima, e o povo bororo, do Mato Grosso do Sul, com relação à matéria após a morte. No caso dos Yanomami, é sabido que, quando alguém da

⁶⁹ Greenpeace, *Garimpo no rio Uraricoera, na terra indígena Yanomami* (2021).

⁷⁰ Kopenawa e Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, 335.

comunidade morre, todos os pertences são queimados, nada deve ser guardado, porque o objeto traz dor, saudade e sofrimento. Não existe a idéia de herança para eles, no que tange aos objetos. No que se refere ao corpo, após a morte este deve ficar descansando sobre uma árvore até toda a carne se decompor e restarem somente os ossos. Então, os ossos são recolhidos e queimados no ritual do *reahu*. Para os bororos, por sua vez, quando alguém da comunidade morre, o corpo também fica exposto no centro da aldeia durante o tempo necessário para a decomposição. Todos os moradores da aldeia acompanham diariamente a decomposição do corpo, até mesmo dos odores exalados, e é assim que compreendem a finitude da matéria⁷¹.

Voltando à questão do garimpo, é importante ressaltar que a legislação brasileira proíbe a exploração mineral em terras indígenas, mas inquéritos da Polícia Federal, que já somam mais de cinco mil páginas⁷², investigam o garimpo nas terras Yanomami⁷³. Joalherias nacionais e internacionais compram ouro que é extraído de forma ilegal das terras Yanomami. Davi Yanomami mais uma vez nos leva a refletir: “Os brancos não entendem que, ao arrancar minérios da terra, eles espalham um veneno que invade o mundo e que, desse modo, ele acabará morrendo”⁷⁴. O apelo que ele faz não é somente para os povos indígenas, mas também para o homem branco. Quando os rios estão contaminados com mercúrio, toda a cadeia alimentar se contamina. Dessa maneira, ninguém sai imune.

“As coisas que os brancos extraem das profundezas da terra com tanta avidez, os minérios e o petróleo, não são alimentos, são coisas malélicas e perigosas, impregnadas de tosses e febres”⁷⁵. O apelo que Davi faz incansavelmente é para que o homem compreenda de uma vez por todas que a floresta protegida é muito fecunda e pode nos dar todo o alimento de que precisamos para a sobrevivência humana, mas faz-se preciso respeitá-la diante também da sua finitude, de seus limites. Não podemos enxergá-la apenas como um recurso a ser extraído.

⁷¹ Serviço Social do Comércio de São Paulo, *Abril Indígena* (2019). Disponível em: https://www.sescsp.org.br/programacao/184643_ABRIL+INDIGENA. Acesso em: 20 set. 2021.

⁷² Guilherme Henrique e Ana Magalhães, “HStern, Ourominas e D’Gold: as principais compradoras do ouro ilegal da TI Yanomami,” *Repórter Brasil* (jun. 2021). Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2021/06/hstern-ourominas-e-dgold-as-principais-compradoras-do-ouro-ilegal-da-ti-yanomami/>. acesso em: 30 jul. 2021.

⁷³ Greenpeace, *Garimpo no rio Uraricoera, na terra indígena Yanomami*.

⁷⁴ Kopenawa e Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, 6.

⁷⁵ Kopenawa e Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, 6.

A floresta ainda está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta... fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar a fumaça das epidemias que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformaram a floresta num caos. Então morreremos um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles para sustentar o céu, ele vai desabar⁷⁶.

O jornalista científico David Quammen, em seu livro *Contágio*, discorre sobre as zoonoses que vêm ocorrendo com mais evidência desde o fim do século XX⁷⁷. Ele explica que, quando a biodiversidade, antes intocada, sofre perturbações ecológicas, força os vírus a buscar um novo hábitat – esse novo hábitat seríamos nós –, o que é classificado como um salto interespecies⁷⁸.

Nesse sentido, retoma-se aqui as palavras de Davi Yanomami ao defender de forma tão lúcida a preservação da floresta, para que todos tenhamos saúde: “Nós Yanomami, defendemos a terra-floresta e suas montanhas. Queremos que continue com saúde e inteira. Queremos também que Yanomami e brancos vivam sem brigar nem guerrear por causa da terra, do ouro, dos minérios. Queremos que todos possam permanecer vivos juntos por muito tempo”⁷⁹. Fiona Watson⁸⁰, que trabalha com os Yanomami há mais de 30 anos, faz um apelo à sociedade sobre a importância de assinar uma petição⁸¹ em defesa dos Yanomami e justifica:

⁷⁶ *Ibid.*, 6.

⁷⁷ David Quammen, *Contágio: infecções de origem animal e a evolução das pandemias* (São Paulo: Companhia das Letras, 2012).

⁷⁸ Quammen apresenta em sua obra um histórico dos vírus que saltaram de animais para seres humanos em função de perturbação ecológica. São eles: machupo (Bolívia), 1961; marburg (Alemanha), 1967; ebola (Zaire e Sudão), 1976; vírus da imunodeficiência adquirida (HIV) (Nova York e Califórnia), 1981; hantavírus (Estados Unidos), 1993; hendra (Austrália), 1994; gripe aviária (Hong Kong), 1997; nipah (Malásia), 1998; Nilo ocidental (Nova York), 1999; síndrome respiratória aguda grave (Sars) (China), 2002-3; síndrome respiratória do Oriente Médio (Mers) (Arábia Saudita), 2012; ebola (África Ocidental), 2014; e Covid 19 (Wuhan), 2019.

⁷⁹ Kopenawa e Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, 537.

⁸⁰ Diretora de pesquisas da Survival International.

⁸¹ Informações sobre a petição disponíveis em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/campanha-foragarimpoforacovid-entrega-peticao-no-congresso-nacional-nesta-quinta-feira>. Acesso em: 25 set. 2021.

O que estamos vendo agora é uma repetição horrível das circunstâncias que levaram ao massacre de Haximu há 27 anos: a mistura envenenada de uma corrida descontrolada pelo ouro, doenças, destruição de florestas, poluição de rios e garimpeiros com a intenção de matar qualquer Yanomami que atrapalhe seu caminho. A pressão pública agora é fundamental para que o governo aja e expulse os garimpeiros. O futuro dos Yanomami depende disso⁸².

Segundo o ISA⁸³, “de janeiro a dezembro de 2020, uma área equivalente a 500 campos de futebol foi devastada na Terra Indígena Yanomami, [...] quinhentos hectares de floresta Amazônica foram destruídos pelo garimpo ilegal no território indígena”⁸⁴. Em 25 de março de 2021, a Hutukara Associação Yanomami (HAY) e a Associação Wanasseduume Ye’kuana (Seduume) produziram o relatório *Cicatrices na floresta: evolução do garimpo ilegal em terra Yanomami*⁸⁵, que denuncia atividade criminosa e que ocorre cotidianamente. O garimpo vai subindo os rios e aproximando-se cada vez mais das comunidades indígenas. Mesmo com a pandemia de Covid-19, a atividade não cessou. O xamã Davi Yanomami, presidente da HAY, diz que está muito preocupado com a situação da invasão garimpeira:

“Você vê a água suja, o rio amarelado, tudo esburacado. Homem garimpeiro é como um porco de criação da cidade, faz muito buraco procurando pedras preciosas como ouro e diamante. Realmente, retornou. Há vinte anos conseguimos mandar embora esses invasores e eles retornaram. Estão entrando como animais com fome, à procura da riqueza da nossa terra. Está avançando muito rápido. Está chegando no meio da terra Yanomami. O garimpo já está chegando na minha casa”, afirmou Kopenawa⁸⁶.

⁸² Survival, “Garimpeiros matam dois indígenas Yanomami e risco de um novo massacre cresce,” Survival (jun. 2020). Disponível em: <https://www.survivalbrasil.org/ultimas-noticias/12418#:~:text=A%20diretora%20de%20pesquisas%20da,corrida%20descontrolada%20pelo%20ouro%2C%20doen%C3%A7as%2C>. Acesso em: jul. 2021.

⁸³ Instituto Socioambiental, *Cicatrices na floresta: garimpo avançou 30% em terra Yanomami*.

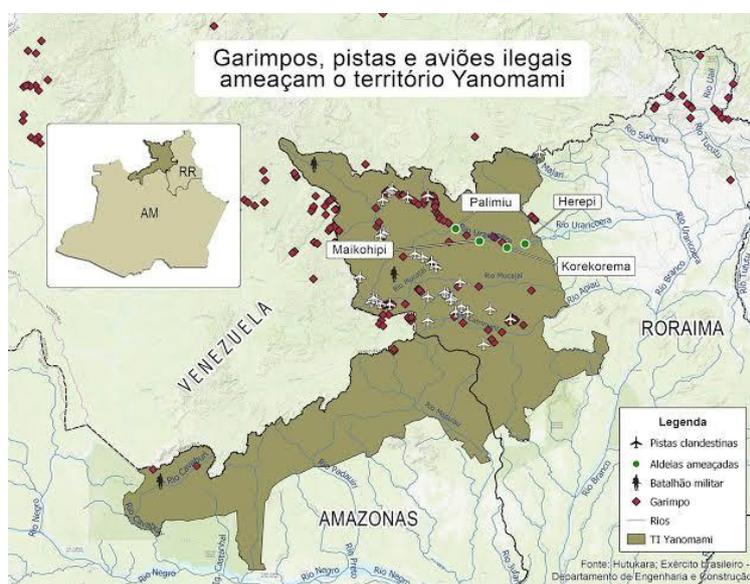
⁸⁴ Ver: “Feridas no garimpo aumentam em 2021 em terra indígena Yanomami”, documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kF9r89C6hvk&t=65s>. Acesso em: 25 set. 2021.

⁸⁵ Relatório aponta as regiões afetadas pela devastação, como Waikás e Kayanau, com 35 e 23% do total das cicatrizes mapeadas, respectivamente. O documento indica ainda a localização exata de novos núcleos garimpeiros nas calhas dos principais rios que correm pela terra indígena, de maneira especial o Rio Uraricoera, que concentra mais da metade (52%) de toda a área degradada pelo garimpo na terra indígena. Até recentemente, o garimpo “tatuzão do mutum”, às margens do Uraricoera, concentrava a maior parte da exploração na região. Hoje, além dele, surgiram três novas áreas de garimpo perto das comunidades de Aracaçá, Korekorema e dos Ye’kwana de Waikás.

⁸⁶ Instituto Socioambiental, *Cicatrices na floresta: garimpo avançou 30% em terra Yanomami*.

Levantamento inédito divulgado pelo ISA aponta a disseminação dos novos núcleos de invasores cada vez mais próximos das comunidades indígenas, incluindo grupos de indígenas isolados, e a abertura para novas rotas (Figura 11). Diante do exposto, o xamã Davi Yanomami diz que está muito preocupado, porque os grupos de garimpeiros são grandes e possuem armas de fogo⁸⁷ e, por isso, teme que o massacre que ocorreu em 1993 se repita em terras Yanomami.

Figura 11. Ameaças em território Yanomami.



Fonte: Locatelli e Henrique⁸⁸.

É importante ressaltar que os garimpeiros estão novamente, como no massacre de Haximu, apoiados por empresários e pelo governo do Estado. “Aqui em Roraima, os garimpeiros, empresários e políticos não respeitam os Povos Indígenas, só querem tirar as nossas riquezas”⁸⁹.

Além da extração dos minérios da região, que provocou a contaminação por mercúrio em 92% de algumas aldeias Yanomami, segundo estudo realizado pela

⁸⁷ Áudio de garimpeiros apontam para uma facção armada, conforme: Instituto Socioambiental, Povo Yanomami solicita apoio do governo para combater a maior invasão desde a demarcação (maio 2019). Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/povo-yanomami-solicita-apoio-do-governo-para-combater-maior-invasao-desde-demarcacao>. Acesso em: 20 ago. 2021.

⁸⁸ Locatelli e Henrique, Ameaças em território Yanomami.

⁸⁹ Instituto Socioambiental, Cicatrizes na floresta: garimpo avançou 30% em terra Yanomami.

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz, 2013)⁹⁰, os garimpeiros também têm levado doenças às comunidades, como a malária e a Covid-19, colocando em risco também os indígenas da comunidade Moxihatëtêma, em isolamento voluntário e que são ainda mais vulneráveis às epidemias. Segundo o relatório assinado pelas associações HAY e Wanassedume Ye'Kwana⁹¹, um eventual contato forçado pode desencadear um trágico episódio de genocídio⁹². Davi Yanomami defende: “Essa é a nossa luta e vamos continuar denunciando. Vamos lutar sem medo, estamos defendendo nosso direito, a nossa Terra Mãe⁹³. Eles não podem roubar a nossa Terra. Essa é a minha luta junto com os novos guerreiros”⁹⁴.

Diversas são as tentativas do Estado de desestruturar a forma de organização social dos povos indígenas no Brasil. Davi⁹⁵ conta em seu livro que em 1992, o então Senador José Sarney propôs recortar a terra indígena Yanomami em 19 ilhas⁹⁶! (Sic!)

A proposta feita por José Sarney na época, de transformar o território Yanomami em 19 ilhas, significava rasgar a cosmologia Yanomami em 19 (dezenove) pedaços de terra isolados. Trata-se de uma proposta que demonstra total falta de visão e compreensão da forma de organização social de outros povos. Como já nos referimos anteriormente, a cosmologia do povo Yanomami, envolve alguns rituais. E o ritual mais importante para esse povo, é o *reahu*, que é praticado na comunhão e comunicação entre as aldeias. É necessário que haja um trânsito livre no território, ou seja, sem interrupções ou invasões, para que os Yanomami possam ir e vir com liberdade e exercer a autonomia no próprio território. A sociedade não-indígena não tem a obrigação de ter conhecimento sobre as cosmologias dos povos indígenas, mas

⁹⁰ Fiocruz, 2013.

⁹¹ “O Relatório demanda uma série de recomendações às autoridades e órgãos públicos, com destaque para a apresentação urgente de um plano integrado de desintrusão total do garimpo na Terra Indígena Yanomami”. Em: Instituto Socioambiental, Cicatrizes na floresta: garimpo avançou 30% em terra Yanomami.

⁹² Instituto Socioambiental, Cicatrizes na floresta: garimpo avançou 30% em terra Yanomami.

⁹³ Diversos são os retrocessos que os povos indígenas têm tido de enfrentar desde a posse do presidente do Brasil, em 2019. Entre eles, estão: o Projeto de Lei (PL) n.º 490/2007, que altera as regras sobre a demarcação de terras indígenas, como também dificulta os processos em andamento de demarcação; a PL n.º 191; a Instrução Normativa n.º 9; e a PL n.º 28/2019, que pretende excluir parte da terra indígena São Marcos no município de Pacaraima (RR).

⁹⁴ Instituto Socioambiental, Cicatrizes na floresta: garimpo avançou 30% em terra Yanomami.

⁹⁵ Kopenawa e Albert, A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami.

⁹⁶ Apesar disso, os povos indígenas continuam resistindo e organizando-se, independentemente do Estado, para defender seus territórios e a vida: Joenia Wapichana, do povo wapichana, primeira mulher indígena deputada federal; Eloy Terena, do povo terena, advogado representante e defensor dos povos indígenas no Brasil em diversos âmbitos, inclusive no processo que está sendo julgado no Supremo Tribunal Federal contra o marco temporal (PL n.º 490); Sônia Guajajara, do povo guajajara, liderança indígena coordenadora da Apib; Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab); Parlamento Indígena (Parlaíndio), idealizado pelo cacique Raoni Metutrike, em 2017.

em se tratando de interferências no território que lhes pertence, temos obrigação de ouvi-los. Em *A queda do céu*, no prefácio Eduardo Viveiros de Castro escreve: “temos a obrigação de levar absolutamente a sério o que dizem os indígenas pela voz de Davi Kopenawa [...] as minorias extranacionais que ainda resistem à total dissolução pelo liquidificador modernizante do ocidente”.⁹⁷

Para compreender alguns aspectos da ontologia Yanomami, recorreremos às narrativas de *A queda do céu*, primeiramente na figura de Omama, criador da terra floresta, a Hutukara.

À Omama é atribuída a origem das regras e da cultura Yanomami. Ela teve dois filhos, Omamë, que foi o primeiro xamã, e Yoasi, ciumento e malvado. Por isso, atribui-se a Yoasi a origem da morte e dos males. Omama criou a Hutukara, que significa Terra-Floresta. Davi Kopenawa explica como foi criada a Terra-Floresta: “Omama criou os morros. Plantou as montanhas no chão. Com o peso delas prendeu a terra Hutukara de todos os lados, para não tremer”⁹⁸.

Como é possível perceber, com a descrição da criação da “Terra-Floresta”, os morros, as montanhas, são elementos sagrados, porque fazem parte da constituição do povo Yanomami. É importante ressaltar que os povos indígenas têm uma relação de pertencimento com a floresta, há uma relação de parentesco entre todos os seres, humanos e mais-que-humanos.

Outro ponto fundamental na cosmologia Yanomami é a maneira como eles alcançam a espiritualidade. O encontro com o divino para o povo Yanomami se dá por meio das “plantas de poder”, ou “plantas-mestras”, especificamente com o ritual de Yekoanã. A Yekoanã é a planta utilizada⁹⁹ para se entrar em contato com os xapiri (Figuras 12A e 12B). Os xapiri são os espíritos que protegem o povo Yanomami. Eles habitam todos os espaços do território. Por isso, a importância de cuidar dos rios, das montanhas, das árvores, das pedras, pois é nesses espaços que os xapiri fazem sua morada. Se a floresta desaparecer, os xapiris também desaparecerão. Na perspectiva

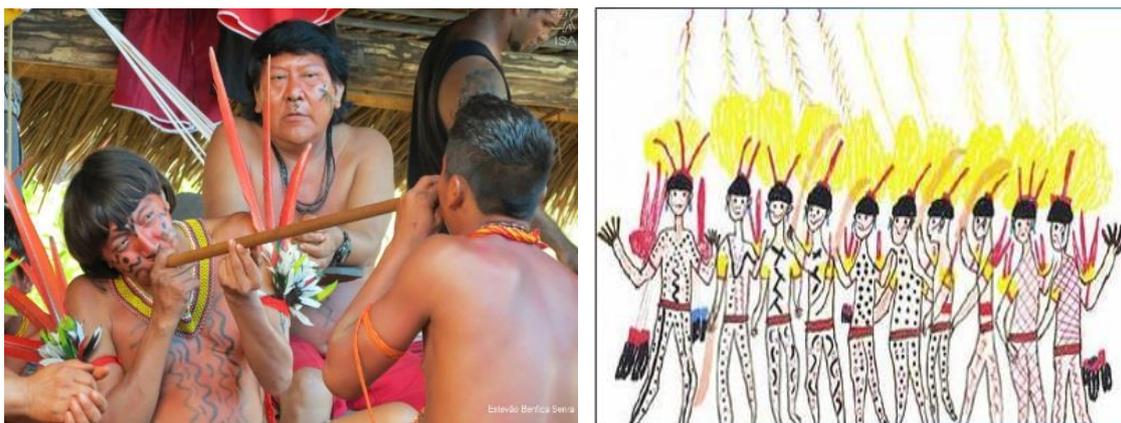
⁹⁷ Eduardo Viveiros de Castro, “Prefácio,” em: Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015).

⁹⁸ *Ibid.*, 221.

⁹⁹ Após a retirada da casca da árvore, a planta passa pelo processo de maceração para que seja impregnado o princípio ativo. Depois da planta ser macerada, ela se transforma em pó, e então é colocada em tubos finos para ser aspirada. (conforme demonstrado na Figura 12A).

dos povos indígenas, todos os seres estão interligados e são considerados como uma grande família. Como já havia mencionado anteriormente, há uma relação de parentesco com as plantas, com os animais, com os espíritos, ou seja, com todos os seres que habitam o território.

Figura 12. Plantas de poder: (A) ritual da Yekoanã; (B) os espíritos xapiri.



Fonte: (A) ISA¹⁰⁰; (B) Kopenawa e Albert¹⁰¹.

Faz-se importante aqui compreender às outras formas a que os povos indígenas recorrem para se alcançar a espiritualidade, -e que são diferentes do pensamento ocidental-, mas nem por isso menos importantes. Edgar Morin¹⁰², em sua obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, indica que a compreensão é um dos saberes, para que possamos considerar outros mundos possíveis, no entanto os saberes indígenas ainda são muito demonizados. Davi Kopenawa descreve a seguir as experiências de contato com grupos religiosos que seu povo teve, e as tentativas de apagamento que sofreram e que ainda sofrem¹⁰³. Podemos observar na citação, o que diziam outros grupos “religiosos” para os Yanomami:

Não mascuem folhas de tabaco! É pecado, sua boca vai ficar queimada. Não bebam pó de Yâkoana, seu peito ficará enegrecido de pecado. Parem de fazer dançar seus espíritos da floresta, isso é mau! São demônios! Não os chamem

¹⁰⁰ Instituto Socioambiental, Cicatrizes na floresta: garimpo avançou 30% em terra Yanomami.

¹⁰¹ Kopenawa e Albert, A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami, 325.

¹⁰² Edgar Morin, Os sete saberes necessários à educação do futuro (São Paulo: Cortez, 2018).

¹⁰³ Sugiro aqui o filme *Ex-Pajé*, de Luiz Bolognesi, em que um pajé começa a questionar a sua fé, após o contato com os brancos.

eles são de Satanasi! Os últimos grandes xamãs não tinham mais coragem de chamá-los, nem mesmo para curar os doentes. Emudeceram... pouco a pouco! Acabaram aceitando as palavras de Teosi¹⁰⁴.

Em A queda do céu, Davi nos conta que acabou aceitando as palavras de Teosi -o deus cristão-. Teosi é comparado a Yoasi o irmão maléfico de Omamë. Omamë, considerado o primeiro xamã, era o irmão bondoso, o qual apresentamos anteriormente.

Davi nos conta que durante um certo tempo aceitou as palavras de Teosi, mas não demorou muito para perceber que essas palavras, o apartavam das práticas de vida do seu povo. As palavras de Teosi o apartavam da relação com as plantas, com os animais, com os espíritos da floresta, por isso as abandonou e retomou as práticas de vida do povo Yanomami, pautadas no poder das plantas.

Se deslocássemos o poder do capital para uma ética pautada no poder das plantas, como descrita pela cosmologia Yanomami, poderíamos nós enxergar outros caminhos? Compreender e experienciar outras práticas, outros saberes, outras cosmologias, poderiam nos despertar desse coma colonial¹⁰⁵?

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da ditadura militar no Brasil tem uma importante base das suas pesquisas nos espaços urbanos e, em menor medida, no rural. Os projetos de desenvolvimento econômico que se escoravam na destruição do Patrimônio ambiental brasileiro ainda merecem uma maior atenção. Na realidade, o que podemos constatar é que as fontes produzidas pelos povos indígenas podem ocupar um espaço importante neste debate. Se trata, a nosso ver, de discutir espaços ainda sombreados pela historiografia que abarcam as questões que envolvem os saberes dos povos indígenas versus um projeto de “desenvolvimento insustentável”¹⁰⁶. Os estudos atualmente disponíveis sobre a história indígena podem colaborar com as pesquisas sobre as mudanças climáticas, as formas de uso do solo e a relação cultural e

¹⁰⁴ Kopenawa e Albert, A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami, 256.

¹⁰⁵ Expressão utilizada pelo artista-escritor indígena Gustavo Caboco do povo Wapichana.

¹⁰⁶ Warren Dean, A ferro e fogo.

econômica com as áreas florestais. A literatura indígena de Davi Kopenawa Yanomami e Bruce Albert, as fotografias de Cláudia Andujar e as fontes sobre o processo de ocupação do território Yanomami são fundamentais para recuperarmos os indícios sobre a realidade de violência vivenciada por esses povos e reverter os processos de silenciamento valendo-se, em grande medida, da inclusão propiciada pela história ambiental e pela história indígena.

Demonstrar a situação de vulnerabilidade em que se encontra o povo Yanomami em função da invasão do garimpo ilegal em terras indígenas é urgente e de fundamental importância para que providências sejam tomadas contra esse projeto de genocídio e extermínio que foi articulado pelo governo (2019-2022), com a intenção de destruir os patrimônios ambiental e indígena brasileiros. No início do artigo, destacou-se que a proteção e a defesa dos povos indígenas no Brasil não partem do Estado, mas sim de associações ou organizações não governamentais e de demandas coletivas de grupos minoritários e historicamente silenciados. Os povos indígenas no Brasil estão ainda completamente desassistidos, e muitas vezes lutam com o próprio corpo e com a força da sua comunidade para ter visibilidade. Recordar-se que, no mesmo período em que a HAY entregava a carta-convite para a imprensa tomar conhecimento e divulgar para a sociedade brasileira a gravidade da situação sanitária em que se encontra o território Yanomami, Davi Kopenawa Yanomami concedia uma entrevista para a Rádio Nova, da França, para denunciar para a comunidade internacional a situação da invasão do garimpo em território Yanomami¹⁰⁷.

É importante trabalhar a memória, para que os fatos ocorridos não caiam no esquecimento nem na repetição. Os crimes ambientais e sociais contra a floresta amazônica e os povos indígenas, na corrida ao garimpo na época da ditadura militar, foram estimulados e financiados pelo Estado brasileiro, pautado na ideia de *progresso e desenvolvimento*. O pontapé inicial foi dado pelo Radam, projeto de mapeamento de minérios na Amazônia, financiado pelo Ministério de Minas e Energia que, ao revelar a riqueza de minérios existente em territórios indígenas, despertou uma verdadeira

¹⁰⁷ Jeanne Lacaille, "Davi Kopenawa: 'Os espíritos da floresta estão comigo, eles apoiam a minha luta'," Rádio Nova (nov. 2021). Disponível em: https://www.nova.fr/news/davi-kopenawa-les-esprits-de-la-foret-sont-avec-moi-ils-soutiennent-mon-combat-161268-08-11-2021/?fbclid=IwAR3_WTQYCeU7wQgH6MSyH-9TCirOKK3vvykWKUOM9cagQ1RrGw30GKi40mM. Acesso em: 19 nov. 2021.

corrida pelo garimpo nessas regiões. Comunidades inteiras foram expostas a epidemias e conflitos territoriais, o que acarretou uma profunda desestruturação social. Mas não é só! O Estado, engajado em seu projeto colonial de conquista e desbravamento, criou o Plano Nacional de Integração, abrindo estradas e rodovias de Norte a Sul do país para *integrar* o povo brasileiro. Assim surgiu a Perimetral Norte, entre outras estradas-fantasmas que ficam pelo caminho em construções inacabadas. Mas o desmatamento não cessou por aí, porque a boiada precisa passar! Assim, foi necessário rasgar uma vez mais o território, agora para criação de gado e pastagem, tudo financiado por empresas nacionais e multinacionais e pelo Estado Brasileiro, conforme dados do Observatório do Terceiro Setor¹⁰⁸.

Portanto, o projeto de extermínio dos povos da floresta – indígenas, ribeirinhos e quilombolas – vai sendo implantado. Desmatamento, deslocamentos forçados de comunidades inteiras, introdução de armas de fogo, prostituição, alcoolismo começam a fazer parte das paisagens, conforme nos evidenciou as fotografias de Cláudia Andujar¹⁰⁹. Sem contar a permissão do Estado à entrada de missões evangélicas nas comunidades demonizando línguas, saberes, rituais, tradições, práticas religiosas e de saúde¹¹⁰.

O reconhecimento dos direitos dos povos indígenas, nos artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988, suscitou uma feroz reação do sistema latifundiário. Ao controlar o Congresso Nacional, os seus representantes vão operando sucessivas tentativas de desmontar e rasgar os direitos assegurados na Constituição. Por causa desse controle excessivo do Congresso por parte bancadas ruralistas e de um Estado que foi inoperante e que ignorou os preceitos constitucionais, em 2021 os Yanomami revivem o massacre do Haximu, ocorrido há quase 30 anos! A história repete-se e, mais uma vez, a bala, o boi, a bíblia e a corrida pelo ouro, -envenenando os rios da região com mercúrio e outros metais pesados-, comprometem a saúde, a soberania e a segurança alimentar de toda a comunidade. Atualmente, oito em cada 10 crianças Yanomami estão desnutridas. A situação da saúde em território Yanomami é trágica,

¹⁰⁸ Garcia, Ditadura militar no Brasil queria transformar Amazônia em pasto.

¹⁰⁹ Andujar, A luta Yanomami.

¹¹⁰ Kopenawa e Albert, A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami.

desastrosa, conforme se pode acompanhar em relatórios emitidos todos os dias pelo ISA¹¹¹.

Definitivamente, os povos indígenas não enxergam o território como um lote, ou um pedaço de terra. É muito mais do que isso, mas os brancos insistem em não enxergar! O território para os povos indígenas é o seu lugar no mundo. Eles não pertencem à terra, eles são a terra, território é corpo, é morada, é abrigo. Como diz Célia Xakriabá, a Terra-Floresta, a Hutukara é fecunda, tem coração e respira!

É chegada a hora de levar a sério a voz indígena e fazer com que essa “cabeça cheia de esquecimento”, frase de Davi Yanomami¹¹², compreenda de uma vez por todas a teoria de lugar a que os povos indígenas estão se referindo. Em 23 de novembro de 2021, no dia em que se finalizou a escrita deste artigo, a *quinta* criança Yanomami perdeu sua vida para a desnutrição e a malária. As denúncias apresentadas na carta da Hutukara para a imprensa surtiram efeito e mobilizaram uma equipe de médicos da Fiocruz para atender a comunidade Yanomami, mas a Fundação Nacional do Índio (Funai), órgão que deveria proteger a vida dos povos indígenas e zelar por ela, negou a permissão de entrada da equipe da Fiocruz nas aldeias, conforme reportagem do G1¹¹³. A pergunta que Davi Kopenawa Yanomami faz é: “Porque a Funai não proíbe a entrada de garimpeiros? Porque está proibindo os médicos para fazer exames na Terra Yanomami? Então, isso é muito revoltante, é muito absurdo!¹¹⁴”, conclui o protagonista de *A queda do céu!*

REFERÊNCIAS

Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2019).

¹¹¹ Instituto Socioambiental, *Cicatrizes na floresta: garimpo avançou 30% em terra Yanomami*.

¹¹² Kopenawa e Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, 432.

¹¹³ Alexandre Hisayasu, “Funai proíbe equipe da Fiocruz de levar assistência aos Yanomami em meio à desnutrição, surto de malária e abandono de governo,” G1 Amazonas (nov. 2021). Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/rroraima/noticia/2021/11/21/funai-proibe-equipe-da-fiocruz-de-levar-assistencia-aos-yanomami-em-meio-a-desnutricao-surto-de-malaria-e-abandono-do-governo.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2021.

¹¹⁴ *apud* G1 AM, “Bolsonaro visita São Gabriel da Cachoeira e tira máscara para cumprimentar dezenas de indígenas,” G1 Amazonas (maio 2021). Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/05/27/bolsonaro-visita-sao-gabriel-da-cachoeira.ghtml>. Acesso em: 5 jun. 2021.

Alexandre Hisayasu, “Funai proíbe equipe da Fiocruz de levar assistência aos Yanomami em meio à desnutrição, surto de malária e abandono de governo,” G1 Amazonas (nov. 2021). Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/11/21/funai-proibe-equipe-da-fiocruz-de-levar-assistencia-aos-yanomami-em-meio-a-desnutricao-surto-de-malaria-e-abandono-do-governo.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2021.

Ana M. Gomes e Davi Kopenawa, “o cosmo segundo os Yanomami: Hutukara e Urihi,” Revista UFMG 22, 1-2 (jan./dez. 2015): 142-159.

Bruno A. S. Silva, “O capitalismo como religião e uma reflexão ética a partir de Agambem,” Revista Peri 10, 1 (2018).

Cláudia Andujar, *A luta Yanomami* (São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2019).

Cláudia Andujar, *Jovem Yanomami Wakata u thëri vítima de Sarampo* (2019). Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/events/claudia-andujar-a-luta-yanomami/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015).

David Quammen, *Contágio: infecções de origem animal e a evolução das pandemias* (São Paulo: Companhia das Letras, 2012).

Donald Worster, “Para fazer história ambiental”, *Estudos Históricos* 4,8 (1991), 198-215.

Edgar Morin, *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (São Paulo: Cortez, 2018).

Eduardo Viveiros de Castro, “Prefácio,” em: Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015).

Eliane Brum, *Banzeiro òkòtò: uma viagem à amazônia centro do mundo*. (São Paulo: Companhia das letras, 2021).

G1 AM, “Bolsonaro visita São Gabriel da Cachoeira e tira máscara para cumprimentar dezenas de indígenas,” G1 Amazonas (maio 2021). Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/05/27/bolsonaro-visita-sao-gabriel-da-cachoeira.ghtml>. Acesso em: 5 jun. 2021.

Greenpeace, *Garimpo no rio Uraricoera, na terra indígena Yanomami* (2021).

Guilherme Henrique e Ana Magalhães, “HStern, Ourominas e D’Gold: as principais compradoras do ouro ilegal da TI Yanomami,” *Repórter Brasil* (jun. 2021). Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2021/06/hstern-ourominas-e-dgold-as-principais-compradoras-do-ouro-ilegal-da-ti-yanomami/>. acesso em: 30 jul. 2021.

Instituto Socioambiental, Cicatrizes na floresta: garimpo avançou 30% em terra Yanomami (mar. 2021). Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/cicatrizes-na-floresta-garimpo-avancou-30-na-terra-indigena-yanomami-em-2020>. Acesso em: 20 maio 2021.

Instituto Socioambiental, Garimpeiros matam dois indígenas Yanomami e o risco de um novo massacre cresce (jun. 2020). Disponível em: <http://obind.eco.br/2020/06/30/survival-garimpeiros-matam-dois-indigenas-yanomami-e-risco-de-um-novo-massacre-cresce/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

Instituto Socioambiental, Povo Yanomami está contaminado por mercúrio (mar. 2016). Disponível em: <https://espacoecologicoanoar.com.br/o-povo-yanomami-esta-contaminado-por-mercurio-do-garimpo/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

Instituto Socioambiental, Povo Yanomami solicita apoio do governo para combater a maior invasão desde a demarcação (maio 2019). Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/povo-yanomami-solicita-apoio-do-governo-para-combater-maior-invasao-desde-demarcacao>. Acesso em: 20 ago. 2021.

Isabelle Stengers, *Cosmopolítica I e II* (Paris: La Découverte, 1997).

Jeanne Lacaille, “Davi Kopenawa: ‘Os espíritos da floresta estão comigo, eles apoiam a minha luta’,” *Rádio Nova* (nov. 2021). Disponível em: https://www.nova.fr/news/davi-kopenawa-les-esprits-de-la-foret-sont-avec-moi-ils-soutiennent-mon-combat-161268-08-11-2021/?fbclid=IwAR3_WTQYCeU7wQgH6MSyH-9TCirOKK3vvykWkUOM9cagQ1RrGw30GKi40mM. Acesso em: 19 nov. 2021.

João Batista Olivi, “Mapeamento minérios em Roraima,” *Notícias Agrícolas* (set. 2019). Disponível em: <https://www.noticiasagricolas.com.br/videos/politica-economia/242573-eis-o-mapa-das-minas-de-roraima-sobre-elas-povos-vivem-na-miseria-e-o-brasil-nao-ganha-nada-com.html#.YSqYIzFKjIU> Acesso em: 25 jan. 2020.

John Monteiro, *Negros da terra* (São Paulo: Companhia das Letras, 1994).

José Augusto Pádua, *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004).

José Augusto Pádua. *Localizando a história do antropoceno: o caso do Brasil* (Rio de Janeiro: Machado, 2022)

Kami Yamaki Urihipë, “Yanomami: localização e população,” *Povos Indígenas no Brasil* (2019). Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>. Acesso em: 9 abr. 2021.

Manuela Carneiro Cunha, *Cultura com aspas* (São Paulo: Ubu Editora, 2017).

Maria Fernanda Garcia, “Ditadura militar no Brasil queria transformar Amazônia em pasto,” *Observatório Terceiro Setor* (abr. 2021). Disponível em:

<https://observatorio3setor.org.br/noticias/ditadura-militar-no-brasil-queria-transformar-amazonia-em-pasto/>. Acesso em: ago. 2021.

Mario de Andrade, *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* (São Paulo: Lafonte, 2019).

Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (São Paulo: Pioneira, 2001).

Patrícia Fachin, “Discurso ‘pró-garimpo’ aumenta desmatamento, ameaça indígenas e internacionaliza floresta. Entrevista especial com Dário Bossi, Bruno Milanez e Luiz Jardim Wanderley,” *Combate Racismo Ambiental* (set. 2020). Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/09/08/discurso-pro-garimpo-aumenta-desmatamento-ameaca-indigenas-e-internacionaliza-floresta-entrevista-especial-com-dario-bossi-bruno-milanez-e-luiz-jardim-wanderley/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

Piero Locatelli e Guilherme Henrique, “Ameaças em território Yanomami,” *Combate Racismo Ambiental* (jun. 2021). Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2021/06/27/r-200-mil-por-semana-quanto-fatura-um-piloto-de-aeronaves-no-garimpo/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

Redação, “História da rodovia BR-210, no AP, foi destaque do Bom Dia Amazônia,” *Rede Amazônica* (jul. 2016). Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/redeamazonica/amapa/noticia/2016/07/historia-da-rodovia-br-210-no-ap-foi-destaque-do-bom-dia-amazonia.html>. acesso em: 27 maio 2020.

Renata Vilela, “O ouro da terra indígena Yanomami,” *Reconta Aí* (ago. 2019). Disponível em: <https://recontaai.com.br/alta-do-ouro-pode-dizimar-reserva-yanomami>. Acesso em: 5 abr. 2021.

Ricardo Cardim, “Arqueologia do desastre: há 50 anos, a ditadura promovia a invasão predatória da Amazônia, marcada por rodovias, projetos megalômanos e propaganda ufanista,” *Quatro Cinco Um* 4, 37 (set. 2020).

Roberto Cochrane Simonsen, *História econômica do Brasil (1500/1820)* (São Paulo: Nacional, 1997).

Sarah Mota Resende, “No que depender de mim não tem mais demarcação de terra indígena,” *Folha de S.Paulo* (nov. 2019). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/no-que-depender-de-mim-nao-tem-mais-demarcacao-de-terra-indigena-diz-bolsonaro-a-tv.shtml>. Acesso em: 20 jan. 2019.

Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do paraíso* (São Paulo: Brasiliense, 2000).

Serviço Social do Comércio de São Paulo, *Abril Indígena* (2019). Disponível em: https://www.sescsp.org.br/programacao/184643_ABRIL+INDIGENA. Acesso em: 20 set. 2021.

Survival, “Garimpeiros matam dois indígenas Yanomami e risco de um novo massacre cresce,” Survival (jun. 2020). Disponível em: <https://www.survivalbrasil.org/ultimas-noticias/12418#:~:text=A%20diretora%20de%20pesquisas%20da,corrida%20descontrolada%20pelo%20ouro%2C%20doen%C3%A7as%2C>. Acesso em: jul. 2021.

Teratologia Criminal, “Sobreviventes do Massacre do Haximu,” Teratologia Criminal (jun. 2013). Disponível em: <http://teratologiacriminal.blogspot.com/2013/06/massacre-de-haximu-roraima-1993-4-edicao.html>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Ulrich Beck, Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade (São Paulo: 34, 2011).

Warren Dean, A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira (São Paulo: Companhia das Letras, 1996).

A Shout of Alert From Inside the Heart Of Hutukara: Memories of Gold Mining in Yanomami Literature

ABSTRACT

In November 2021, the Hutukara Yanomami Association (Hutukara Associação Yanomami – HAY), which works in the defense of indigenous peoples, presented a letter to the press to denounce the ineffectiveness of the Brazilian government in relation to the invasion of the gold mines and the disregard for the Yanomami people's health and life. The letter was presented by Dario Kopenawa Yanomami, Davi Kopenawa Yanomami's son. Davi is president of the HAY and the main character of *A queda do céu* (The fall of the sky, free translation), a landmark in contemporary indigenous literature and a manifesto in the defense of the life and the forest. The results of the data crossing showed that in 2021 the Yanomami territory, demarcated and ratified since 1992, has been brutally torn apart by gold mining—the population of 27,000 Yanomami shares its territory with 20,000 illegal miners. Rivers in the region are contaminated by mercury, which compromises the food security of the entire community. This article aims to reflect from the perspective of environmental history and indigenous history on Davi Kopenawa's ideas, intertwining the analysis of the literary text with the data presented by the Social Environmental Institute (Instituto Socioambiental), with photographs by Cláudia Andujar and images from the Superintendence for the Development of the Amazon (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) magazine in the period of the dictatorship.

Keywords: Yanomami indigenous literature; gold mining; environmental heritage.

Recibido: 12/04/2022
Aprovado: 18/04/2023